

“Regularidade Métrica” – H.P. Lovecraft**Tradução: Mário Jorge Lailla Vargas****REGULARIDADE MÉTRICA***Deteriores omnis sumus licentia*¹

Terêncio

Das várias formas de manifesta decadência na arte poética de nossa época, nenhuma fere mais nossa sensibilidade que o alarmante declínio da harmoniosa regularidade métrica que adornava a poesia de nossos antepassados imediatos.

O próprio metro, que é uma peça essencial a toda a verdadeira poesia, é um princípio que nem mesmo as afirmações dum aristóteles ou os pronunciamentos dum platão podem abolir. Tanto um crítico antigo como Dionísio de Helicarnasso e um filósofo moderno como Hegel afirmaram que a versificação poética não é só um atributo necessário mas absolutamente fundamental. Hegel realmente metrificava sobre imaginação metafórica como essência de toda criação poética.

A ciência pode localizar o instinto métrico na própria infância do gênero humano, ou mesmo antes da era pré-humana dos macacos. A natureza é, propriamente, uma sucessão interminável de impulsos regulares. A repetição fixa das estações solares e lunares, o começo e o fim do dia, a diminuição e fluxo das marés, o pulsar do coração, o passo dos pés caminhando, e incontáveis outros fenômenos cadenciados, tudo combina pra inculcar, no cérebro humano, um senso rítmico que é tão manifesto no mais inculto quanto na pessoa mais polida. Então o metro não é um artifício falso, como a maioria dos teóricos radicais nos quer fazer crer, mas um natural e inevitável embelezamento da poesia que a sucessão dos séculos deveria desenvolver e refinar em vez de mutilar ou destruir.

Como outros instintos o senso métrico assumiu aspectos diferentes entre raças diferentes. Selvagens o exibem na forma mais simples ao dançar ao som de tambor primitivo. Bárbaros o exibem no cântico religioso ou profano. Povos civilizados o utilizam em sua poesia formal ou como mensuração, como os versos gregos e romanos, ou como medida de acentuação enfática, como em nosso verso inglês. Precisão métrica não é mera exibição de adorno de meretriz mas uma evolução lógica de fontes eminentemente naturais.

Essa é a alegação do poeta ultra-moderno, como enunciado por senhora. J. W. Renshaw em seu recente artigo *A autocracia da arte* (*The autocracy of art*), (de *O espelho do poder*) (*The looking glass for may*) de que o bardo verdadeiramente inspirado tem de entoar seu canto independentemente de seus sentimentos de forma ou linguagem e tem que permitir, pra cada impulso variável, alterar o ritmo de sua canção, e resignando, cegamente, sua razão à *euforia* de seu capricho. Essa contenção está claramente fundada na suposição de que a poesia é algo ultra-intelectual, a expressão duma *alma* que excede, em importância, a mente e seus preceitos.

Agora, evitando o impedimento dessa duvidosa teoria, devemos observar que as leis da natureza não podem tão facilmente ser afastadas. Porém mesmo a autêntica poesia sendo o supremo produto do cérebro, ainda é afetada por leis naturais universais e inevitáveis. Portanto é uma das várias formas naturais claramente definidas pelas quais a emoção busca expressão. De fato: Inconscientemente nivelamos a conveniência de modelos vigentes de métrica a modelos vigentes de pensamento e, lendo um poema rude ou irregular, freqüentemente repelimos abruptamente as variações erráticas feitas pelo bardo, por sua ignorância ou gosto pervertido. Ficamos, naturalmente,

¹ *Deteriores omnis sumus licentia*: Degeneramos quando estamos em total liberdade

chocados com a roupagem dum assunto sério em metro anapéstico,² ou o tratamento dum ambicioso e imponente tema em breves e agitadas linhas. Esse defeito posterior é o que nos incomoda tanto na tradução, realmente erudita, da *Eneida*, por Conington.

O que os radicais, injustificadamente, desconsideram em seus trabalhos excêntricos é a unidade de pensamento. Entre seus sucessivos saltos agressivos dum rude metro a outro, ignoram a uniformidade subjacente de cada um de seus poemas. A cena pode mudar, a atmosfera pode variar mas um poema só pode conter uma mensagem definida, e ajustar essa básica e fundamental mensagem onde apenas um metro deve ser selecionado e sustentado. Ao acomodar as discrepâncias secundárias de tom num poema, um metro regular se ajustará, amplamente, à diversidade. Nossa principal mas, agora, irritantemente abandonada metrificação, a parelha de versos heróicos, pode assumir infinitos matizes de expressão pela seleção correta de sucessão de palavra e por sua própria colocação da cesura ou pausa em cada linha. Doutor Blair, em sua 38ª conferência, explicou e ilustrou, com admirável sagacidade, a importância da localização da cesura variando o fluxo de verso heróico. Também é possível emprestar variedade a um poema usando, muito judiciosamente, pés ocasionais dum metro diferente do corpo do trabalho. Isso é, geralmente, acabado sem perturbar a silabificação, e não prejudica nem obscurece a metrificação principal.

As mais engraçadas de todas as alegações dos radicais é a afirmação que nunca se pode limitar o verdadeiro fervor poético ao metro regular, que o carrancudo e cabeludo cavaleiro de Pégaso precisa infligir ao público sofredor, de forma inalterada, as concepções vagas que esvoaçam no caos organizado sua alma exaltada. Enquanto é perfeitamente óbvio que o momento de rara inspiração deve ser melhorado sem o impedimento de gramática ou dicionário de rima, é óbvio que o momento seguinte a uma contemplação tranqüila pode ser bem aproveitado emendando e polindo. O *idioma do coração* deve ser clarificado tornado inteligível a outros corações. Seu outro sentido sempre ficará limitado a seu criador. Se leis naturais de construção métrica são intencionalmente fixadas em separado, a atenção do leitor será distraída da alma do poema até sua rude e mal-ajustada roupagem. Quanto mais perfeito o metro menos distinta sua presença. Conseqüentemente, se o poeta deseja consideração suprema por seu assunto, deveria suavizar os versos de modo que a sensação nunca seja interrompida.

O efeito debilitante da frouxidão métrica na geração mais jovem de poetas é enorme. Esses mais recentes pretendentes à musa, não, contudo, suficientemente treinados pra distinguir entre suas próprias simples rudezas e as monstruosidades cultivadas do educado mas radical bardo, venha considerar com desconfiança os críticos ortodoxos, e acreditar que nenhuma habilidade gramatical, retórica ou métrica é necessária a seu próprio desenvolvimento. O resultado só pode ser uma raça de grosseiros híbridos cacofônicos, cujo clamor amorfo oscilará duvidosamente entre prosa e verso e nunca absorverá os vícios e as virtudes de ambos.

Quando a originalidade estaria em fazer os versos com a simplicidade da elegância métrica uma reação saudável contra o caos presente tem que acontecer, inevitavelmente, de modo que alguns dos sobreviventes discípulos do conservadorismo e bom-gosto podem, enfim, após prolongada esperança, ouvir, das líras modernas, os imponentes poemas heróicos de Pope, o majestoso verso em branco de Thomson, o octosilábico conciso de Swift, a quadra sonora de Gray e o anapesto vivaz de Sheridan e Moore.

² Adjetivo composto de anapestos: s.m. Pé de verso grego ou latino composto de duas breves seguidas duma longa. [dicionário KingHost]